A DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA PELO COLONIZADOR EM ANGOLA A PARTIR DA ANÁLISE DA OBRA *NGA MUTURI* DE ALFREDO TRONI

Maria Natânia Magalhães Vieira¹

RESUMO

No trabalho aqui exposto, analisa a obra *Nga Muturi* (1973), de Alfredo Troni, sob os aspectos dos métodos empregados pelo colonizador português, visando à desconstrução e degradação da identidade negra em Angola/África, especificamente, na capital, Luanda. Faz-se uma análise sócio-histórica da obra em estudo e outros territórios colonizados por portugueses. No que se refere aos objetivos, são consideradas as formas de dominação colonial e suas implicações na identidade angolana, além de observadas as atitudes tomadas da personagem Nga Ndreza em relação às arbitrariedades do colonizador português. Outro objetivo analisado é o proceder da personagem em relação à sua própria degradação cultural, depois da morte do português. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica para a construção do presente trabalho e o método dialético, para analisar os aspectos sócio-históricos da pesquisa, de forma a confrontá-los uns com os outros, em busca do entendimento da obra estudada. Finalmente, o tema tem sua importância pelo fato de que, através da literatura, há a construção e a desconstrução de identidades e narrativas, que podem ser decisivas no desfecho histórico de um povo ou uma nação.

Palavras-chave: Romance Angolano; *Nga Muturi*; Colonização; Identidade; Desconstrução.

ABSTRACT

In the work presented here, it analyzes the work *Nga Muturi* (1973), by Alfredo Troni, under the aspects of the methods used by the Portuguese colonizer, aiming at the deconstruction and degradation of the black identity in Angola/Africa, specifically, in the capital, Luanda. A socio-historical analysis is made of the work under study and other territories colonized by the Portuguese. Regarding the objectives, the forms of colonial domination and their implications for the Angolan identity are considered, as well as the attitudes taken by the character Nga Ndreza in relation to the arbitrariness of the Portuguese colonizer. Another objective analyzed is the character's behavior in relation to his own cultural degradation, after the death of the Portuguese. Bibliographic research was used for the construction of the present work and the dialectical method was used to analyze the socio-historical aspects of the research, in order to confront them with each other, in search of an understanding of the work studied. Finally, the theme has its importance due to the fact that, through literature, there is the construction and deconstruction of identities and narratives, which can be decisive in the historical outcome of a people or a nation.

Keywords: Angolan Novel; *Nga Muturi*; Colonization; Identity; Deconstruction.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Ceará.

A novela *Nga Muturi*, de Alfredo Troni, autor pioneiro da narrativa angolana, foi publicada em folhetins em 1882. Nela, descreve-se a história de Nga Ndreza, uma menina negra da zona rural de Angola, na África, que foi levada, pelo irmão da *mama*, como pagamento por um crime que o tio cometera. Ele assim procede, porque, naquela época, se alguém cometesse um crime, poderia dar o filho, ou a filha da irmã, como forma de pagamento, costume que era denominado de *quituxi*.

Então, a menina foi levada para Luanda e lá se tornou a *mucama* e a concubina de um homem branco, que era também seu patrão. Ele a maltratava muito, chegando até mesmo a açoitá-la, de modo que há momentos em que ela preferia morrer do que ter que continuar vivendo naquela situação. No entanto, a sua sorte muda, pois o patrão morre, e ela passa a ser chamada de *Nga Muturi* (senhora viúva), já que se torna a herdeira do patrão, vindo a ser “respeitada” e bajulada pela elite branca local.

Entretanto, até Ndreza conseguir chegar a ser de fato a senhora viúva e ter o “respeito” da elite branca local, ela passou por um longo processo de desconstrução de sua identidade, processo ainda iniciado na infância, logo quando chega à casa do português e se inicia a descaracterização de sua degradação cultural. Tal desconstrução, inicia-se com o banho e termina com a retirada de todos os enfeites que marcam a cultura africana, como as missangas e os búzios, como se vê no seguinte trecho: *mandaram lavar, e desmanchar-lhe o lindo penteado seguro pelo ngunde e tacula que lhe fizera a mama, tirando-lhe as missangas e os búzios e todos os enfeites* (TRONI, 1973, p.34). Nesse exato momento, começa o processo de assimilação da cultura portuguesa, pois a mudança vem com a imposição do uso da vestimenta de modelo português (TRONI, 1973, p.34). A miúda, por sua vez, sem compreender o porquê de tantas modificações, não luta e apenas aceita, perdendo, dessa forma, parte da sua identidade angolana.

Nesse contexto, a situação-problema será responder se, sob a ótica da obra *Nga Muturi*, houve a desconstrução da identidade negra em Angola. Conforme Stuart Hall (2003), a identidade é definida com o conjunto de todos os aspectos que colocam o ser humano pertencendo a determinadas culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais.

O tema é bastante relevante pelo fato de levar o leitor a refletir e analisar as formas de dominação colonial e suas implicações na identidade negra angolana, porque os métodos empregados pelo colonizador português, representados pelas atitudes do patrão, ao mandar que a banhasse, desmanchasse o penteado e retirasse os enfeites, dando-lhe panos bonitos, mostra a depreciação dos costumes africanos, no caso, em Angola, pelo colonizador português.

Já a menina é a representação e personificação da ingenuidade e da fragilidade do africano, frente ao poder do europeu. A degradação da personagem Nga Ndreza e, conseqüentemente, a da cultura africana que ela representa, começa com o fato de a personagem achar que a forma como se vestia era desajeitada. Com o passar dos anos, tal processo, oriundo da colonização, faz com que ela até esqueça dos primeiros anos de sua vida, reconhecendo, posteriormente, o que era e o que ela deveria parecer. Percebe-se, claramente, portanto, um conflito de identidade causado pela desconstrução identitária imposta pelo colonizador português.

Relacionado ao que foi dito, como objetivo geral, serão analisadas as formas de dominação colonial e suas implicações na identidade negra angolana. Já como objetivos específicos serão analisados os impactos da desconstrução identitária feita pelo colonizador português, as atitudes tomadas pela personagem Nga Andrezza frente às arbitrariedades do colonizador, o proceder da personagem em relação a sua própria degradação cultural depois da morte do patrão, e as formas de dominação colonial e suas implicações na identidade negra angolana.

Quanto à metodologia, a pesquisa do tema em apreço será executada de forma exploratória, com cunho bibliográfico, pois a mesma será feita de forma a analisar uma obra literária. No caso, será a obra *Nga Muturi*, de Alfredo Troni, trabalho percussor da literatura nacional angolana. A este respeito, de acordo com Prodanov (2013), a pesquisa exploratória busca acrescentar informações sobre o tema, viabilizando a definição e o delineamento, estando associada às pesquisas bibliográficas e aos estudos de caso.

Dando prosseguimento, o método dialético será utilizado nesta pesquisa, pois as contradições e conflitos existentes na obra *Nga Muturi* serão levadas em consideração e analisadas por esse viés, sob a premissa de que nesse método tudo se relaciona, transforma-se e se contradiz em uma relação dialética. (FREITAS; PRODANOV, 2013).

2 UMA ANÁLISE TEÓRICA INICIAL DAS MÚLTIPLAS FASES DO CONTO *NGA MUTURI* E A SUA DIALETICIDADE COM OUTROS AUTORES

Identidade, conforme Stuart Hall (2003), é definida com o conjunto de todos os aspectos que colocam o ser humano pertencendo a determinadas culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais. Desta forma, essa definição será empregada para explicar os meios que o colonizador português utilizou para desconstruir a identidade da protagonista da obra *Nga Muturi* (1882), de Alfredo Troni.

O processo de desconstrução da identidade será analisado utilizando como objeto de estudo a obra *Nga Muturi* (1882). Além disso, será feita uma corroboração com o artigo “*Nga Muturi*”: *uma questão de memória e identidade da* Cestari e Crosariol (2011), a fim de dar embasamento teórico sobre a temática do processo de assimilação da cultura portuguesa em Angola. Os autores mencionados abordam essa desconstrução no conto, mostrando que a destruição da identidade angolana se deu também por meio do silenciamento da memória da protagonista Nga Andrezza.

Outro autor consultado foi Stélio Torquato (2010), que com o artigo *O falar na articulação da memória e da identidade: uma forma de ler Nga Muturi, de Alfredo Troni*, permite compreender como o africano se posicionou a este respeito, utilizando, como exemplo, a personagem principal da novela *Nga Muturi* (1882), Nga Ndreza, que, de acordo com Torquato (2010), viu-se envolvida em conflitos relacionados aos espaços, às classes sociais e às etnias, marcando os caminhos trilhados pela protagonista no processo de adaptação a um novo nível social, o qual a colocará em um entre- lugar.

Assim, é sabido que o processo de colonização efetuado por Portugal, além de empobrecer os territórios que por eles foram descobertos, desconstruía identidades de inúmeros povos, entre esses, o africano. Isso tinha como justificativa a superioridade do branco em relação ao negro, visto pelo europeu como pertencente a uma raça que deveria ser subjugada.

No conto *Nga Muturi* (1882), o autor explora o processo de assimilação da cultura portuguesa pelo africano, que busca, por meio do conhecimento dos costumes portugueses, diminuir o sofrimento causado pelo processo colonizador. Conforme Cestari e Crosariol (2011), esse processo de assimilação, ao qual o africano foi submetido, geraram traumas, pois o negro teve a sua identidade conflitada e conturbada. Ademais, ao ser subjogado, o africano entra em um impasse, lutando contra os princípios que norteiam a cultura e os costumes africanos.

Dessa forma, o conto *Nga Muturi*, de acordo com Rita Chaves (1999), demonstra a realidade, por meio de um recorte dos costumes da sociedade angolana do século XIX, culminando com o que mais tarde seriam os elementos que caracterizariam a identidade angolana. No conto objeto de estudo, vê-se a estratificação social em Angola, resultante do período colonial africano, pois o português fazia parte da classe dominante dos comerciantes, os quais gozavam de grande prestígio na sociedade, assim como aconteceu no processo de colonização do Brasil.

O autor do conto é descrito por Carlos Everdosa (1979) como o Dr. Alfredo Troni, que é um dos europeus que colaboravam com os jornais efêmeros que nasceram na esteira do jornal *A Civilização da África Portuguesa*. Ele fundou e dirigiu os seguintes periódicos: *Jornal de*

Loanda em 1878, o *Mukuarimi*, que significa o falador, possivelmente em 1888, e os *Concelhos de Leste* em 1891. Alfredo Troni nasceu em Portugal em 1845, estudou Direito na Universidade de Coimbra, desempenhou inúmeras funções, dentre as mais destacadas a de Secretário- Geral da Província de São Tomé, delegado de Polícia em Cabo Verde, juiz de Direito em Benguela, curador de serviçais em Luanda, e até deputado em Angola. Entretanto, por defender os angolanos contra a escravidão, a eleição foi anulada pelo Governo português, e Alfredo Troni, querendo permanecer em Angola, ficou atuando como advogado, até o fim da sua vida em 1904.

O autor do conto em estudo, narrou o processo de desconstrução da identidade negra em Angola, tendo como representante a história de *Nga Muturi*, que se pode afirmar como sendo um recorte do processo de assimilação do africano pelo colonizador português, no fim do século XIX. Logo no início, vê-se como foi ocorrendo a desconstrução da identidade negra, como ressalta Cestari e Crosariol (2011), a qual aconteceu por meio do silenciamento da memória da protagonista que buscou esquecer e recriar a sua origem a ter que reconhecê-la.

Tal fato foi observado logo no primeiro parágrafo do conto. Veja-se:

Nga Ndreza (nome que tem na sociedade de Luanda, uma sociedade onde só avultam os panos, sim, mas que guarda um certo número de conveniências) afirma que é livre, que foi criada em Novo Redondo, e pertence à família de F...; e, quando muito, cala-se quando lhe perguntam se é *buxila*. Também ninguém faz questão disso já. E que a fizesse! Ela, à força de afirmar que não foi escrava, esqueceu-se de [não] ter sido sempre livre (TRONI, 1973, p.31).

Nesse contexto, Cestari e Crosariol (2011) explicam o silenciamento da memória da protagonista:

A tentativa de silenciamento da memória da personagem Nga Ndreza, protagonista da história, é narrada segundo a percepção de um narrador onisciente em terceira pessoa. Sob sua ótica, tem-se o acesso à subjetividade desta personagem, cuja imagem vai se compondo à medida que ele vai contando o que ela havia afirmado a respeito da família a qual ela gostaria que fosse ligada. Nesse fragmento, a personagem ao citar a letra “F” referente à família que ela afirma pertencer (afirmação seguida de outros atributos que ela desejaria que os outros percebessem em si), demonstra sua intenção de recusa do nome que a liga à sua família de origem. (CESTARI E CROSARIOL, 2011, p.89).

De início, percebe-se a falta de identidade, quando a Ndreza tenta afirmar que pertence à família de F, calando-se em seguida, demonstrando a insegurança de assumir a sua verdadeira identidade, no sentido de silenciar quanto a família pertencente. Ela também tenta dizer que não foi *buxila* (*escrava*), mas se cala, já que, no seu íntimo, compreende e não aceita o fato que não foi totalmente livre. A sua liberdade, muito cedo, foi tirada pelo seu tio que a teve de dar como forma de pagamento por uma dívida. Nesse momento da narrativa, a personagem por meio de devaneios, sentada à porta da casa, recorda o início de tudo que a levou para aquela atual situação. Tal acontecimento é percebido no seguinte trecho:

Andara dois dias, ao fim dos quais chegou a uma libata onde morava o tio que a levava. Pelas conversas que ouviu no caminho, soube que o tio havia sido condenado no juramento, e para pagar o crime fora buscar *à mama*, pela lei da terra que obriga os sobrinhos a pagar os quituxi dos tios. (TRONI,1973, p.33).

O conflito identitário foi aflorado com o receio da personagem principal em assumir quem realmente era ou se tornou para os outros ao seu redor, por medo, por assim dizer, de ser mais uma vez massacrada por ser quem não deveria ser.

Fazendo uma comparação com o Brasil, pode-se ver que houve também um processo de desconstrução de identidade tanto para o índio como para o negro. Quanto ao nativo das Américas, tentou-se um início de escravatura, porém, fracassado. Entretanto, não se pode deixar de considerar as consequências degradantes de tal processo em relação ao africano, como as violências cometidas contra os negros escravizados. Essas sequelas também marcam e permanecem como estigmas na vida da personagem angolana Ndreza, como quando ela foi colocada e espancada pelo português no mastro.

Como vê-se no seguinte trecho:

[...] e mandando-a amarrar no pátio ao mastro que segurava a caixa do macaco, levantaram-lhe os panos e levou cinquenta chicotadas. Ainda se lhe apertam os músculos da parte açoitada com esta lembrança, mas custa-lhe mais a vergonha que sentiu. Se o patrão lhe desse um tiro ou uma facada, como fez um rapaz das cubatas[...] (TRONI, 1973, p.37).

No que se refere aos negros, Gilberto Freire (2006) explica que, no período escravocrata no Brasil, os escravizados vindo das mais diferentes partes do continente africano, foram dispostos na lavoura de forma a não falarem a mesma língua. Isso servia para que não houvesse a continuidade de sua cultura e facilitasse o controle dos mesmos no que se refere ao poder de organização. Atrelado a isso, mais tarde, houve a inclusão da língua portuguesa entre os escravos como forma de integrá-los a uma nova cultura e abandonando de vez a sua identidade africana. Outrossim, tal fato é mencionado pelo narrador no conto *Nga Muturi*, pois do mesmo modo que inseriam o idioma português aos índios e escravizados, também o fizeram com a Ndreza como se vê em: “*Passou alguns anos naquela vida. Tinha aprendido um pouco a língua dos brancos, e já não era desajeitada no vestir dos panos quando viera.* (TRONI, 1973,p.35). Embora o narrador suavize a situação, dizendo que ela tinha aprendido espontaneamente o idioma português, o objetivo de conhecer o idioma do colonizador era para inseri-la na cultura europeia para assim desconstruir a identidade angolana, com o consequente proveito.

Conforme Florestan Fernandes (1964), o negro, em São Paulo, foi abandonado a sua própria sorte, após a abolição da escravatura. A degradação da cultura negra, no período escravocrata paulista, gerou, como consequência, um enorme contingente de negros na Capital

Paulista e sofrendo enormes desvantagens técnicas em relação ao seu substituto no trabalho da lavoura, o imigrante italiano. De acordo como Florestan Fernandes (1964), surgiram inúmeros movimentos negros buscando a organização e assistência facilitadoras da correção das desigualdades e traumas identitários dos negros em São Paulo. No caso, apesar de serem filhos da nação brasileira, tendo seus antepassados arrancados de Mãe África, tiveram, como prêmio pela geração das riquezas e desenvolvimento nacionais, o desprezo, foram abandonados como se não tivessem pátria pelo Estado Brasileiro. Eles foram desprezados como se não pertencessem ao país que ajudaram a construir. Então, pode-se concluir que tiveram um conflito identitário com o Brasil nesse período, devido à grande injustiça em que foram jogados.

No Brasil, vê-se, hoje, o resultado de séculos de exploração portuguesa, em que grande parte da população vive jogada em favelas, formando os bolsões de pobreza. Uma população sem poder de organização, em extrema miserabilidade, e que muitas vezes, demonstram resignação com o destino cruel que os opressores lhe impuseram (RIBEIRO, 2015).

A literatura, assim como outras ciências, serve para justificar ou refutar fatos históricos. Prova disso é a posição adotada por Gilberto Freyre em seu livro *Casa Grande e Senzala*, onde o mesmo defende, veementemente, os senhores de engenhos, afirmando que os mesmos foram muito benevolentes e afetuosos com os africanos escravizados, sentando juntos, harmonicamente, a mesma mesa. Essas pretensas qualidades ficaram subtendidas na obra *Nga Muturi*, quando a *Nga Ndreza* se torna *Nga Muturi*, ou seja, viúva do português e herda tudo que era do seu senhor.

A nova viúva ou senhora viúva passa a emprestar dinheiro para as pessoas, que se aproximam, somente, com o intuito de receber algum crédito pecuniário. No entanto, mesmo que tenha mudado de posição, a personagem permanece sem se identificar com a cultura do colonizador e se dá conta que já não pertence e nem utiliza os costumes da cultura angolana. Por isso, Torquato (2010), explica que a personagem por ter sua identidade desconstruída fica imersa entre a cultura africana e portuguesa, permanecendo em um entre-lugar, em uma posição de indefinição.

3 PESQUISA E MÉTODO DE ANÁLISE DA OBRA *NGA MUTURI*

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, visto que utiliza como fonte de dados artigos científicos digitais publicados por pesquisadores da área de estudo de literaturas.

Inicialmente, foi lido o conto *Nga Muturi* (1973) de Alfredo Troni para entender e definir o tema e a problemática a ser abordada. Em seguida, foi pesquisado artigos científicos de professores de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa sobre a obra *Nga Muturi*

(1973), utilizando os descritores: romance angolano, Nga Muturi colonização, identidade e desconstrução. Depois de ler o resumo de alguns artigos, o trabalho da Cestari e Crosariol (2011), intitulado de “*Nga Muturi*”: *uma questão de memória e identidade*, seguido da pesquisa do Stélio Torquato de Lima (2010), *O falar na articulação da memória e da identidade: uma forma de ler Nga Muturi*, de Alfredo Troni foram selecionadas para compor o referencial bibliográfico deste trabalho. Houve também a análise de livros de autores brasileiros ligados às áreas de literatura, história e sociologia, obras como *Casa Grande e Senzala*, *A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca* e *O Povo brasileiro* foram analisadas e compõem a referência bibliográfica.

Isso foi feito como forma de fazer uma interligação com os processos sociais existentes na colonização portuguesa e a conexão com a Obra objeto deste estudo, *Nga Muturi*. Assim, a presente pesquisa tem caráter bibliográfico e tem com método o dialético. Freitas e Prodanov (2013) resumem que nesse método tudo se relaciona, transforma-se e se contradiz em uma relação dialética.

Em síntese, o método dialético parte da premissa de que, na natureza, tudo se relaciona, transforma-se e há sempre uma contradição inerente a cada fenômeno. Nesse tipo de método, para conhecer determinado fenômeno ou objeto, o pesquisador precisa estudá-lo em todos os seus aspectos, suas relações e conexões, sem tratar o conhecimento como algo rígido, já que tudo no mundo está sempre em constante mudança. (FREITAS; PRODANOV, 2013, p.35).

Em seguida, apresenta-se os eixos de análise que resumem os objetivos desse estudo, os quais são: analisar as formas de dominação colonial e suas implicações na identidade negra em Angola, analisar os impactos da desconstrução identitária feita pelo colonizador em relação ao angolano, analisar as atitudes tomadas da personagem Nga Ndreza do livro *Nga Muturi* frente às arbitrariedades do colonizador português, e analisar o proceder da personagem em relação a sua própria degradação cultural depois da morte do português.

4 DISCUSSÃO TEÓRICA E AS IMPLICAÇÕES RESULTANTES DA ANÁLISE DO CONTO DE ALFREDO TRONI

No que se refere às formas de dominação colonial do português em seus vários projetos de exploração colonial, pode-se ver várias similitudes. As formas são muito parecidas tanto na África como na América. A colonização expropriadora no Brasil, mais antiga, datada do século XVI, teve vários métodos que foram aperfeiçoados e que foram levados para a África, no século XIX. Nesse âmbito, a língua portuguesa foi um importante instrumento de desestruturação e

desvirtuamento da cultura dos povos colonizados, tanto em relação ao aborígine americano e aos negros trazidos do continente africano para o Brasil, como em relação aos próprios povos subjugados em sua própria terra natal, em Mãe África.

As implicações foram terríveis para o progresso harmônico desses povos escravizados e desestruturados identitariamente, pois houve séculos de atraso, devido ao tempo dispendido em gerar riquezas para o espoliador português, sedento de riquezas e vida fácil propiciados pelo trabalho de outros povos. Em outras palavras, uma geração de riqueza oriunda do assalto a outras terras e povos. Conforme Holanda (2014), a própria miscigenação com os colonizados foi uma forma de propiciar mais benefícios com a exploração dos outros povos, pois o mais importante era extrair os benefícios das práticas abomináveis de exploração.

Nesse contexto, o próprio fato de haver funcionários nomeados pela metrópole portuguesa para cuidar dos assuntos internos no Brasil e na África foi um fato que interferiu no processo de identidade dos povos colonizados, pois o sentimento de pertencimento a um lugar fica enfraquecido devido à falta de controle do próprio caminho. Difícil se identificar com algo que não se tem nenhuma participação e, quanto se tem, essa participação é defeituosa e aviltante. Isso se vê no Conto *Nga Muturi*, em que os altos funcionários são originários de Portugal e se presume que gozam de grandes privilégios frente aos nativos de Angola.

A Obra *Nga Muturi*, objeto de estudo deste artigo, traz vários exemplos das implicações dos métodos exploratórios na identidade dos africanos em Angola. A própria protagonista sofreu crises de identidade no convívio com o português. Assim, com a convivência de Nga Andrezza com seu senhor, houve a colocação da mesma em um lugar em que ficava ofuscada sua identidade, estando em uma situação em que o sentimento de pertencimento ao povo africano ficava em situação de vulnerabilidade.

A protagonista do conto *Nga Muturi*, representante do povo angolano, teve a sua identidade desconstruída pelo colonizador logo no início da narrativa, pois ao ser entregue ao português, ele a ordenou que a descaracterizasse. Esse processo começou com um banho, com o penteado sendo desfeito, e as roupas sendo trocadas por panos à portuguesa, começando o processo de recaracterização aos moldes europeus:

Que mandaram lavar, e desmanchar-lhe o lindo penteado seguro pelo *negunde* e *tacula* que lhe fizera *a mama*, tirando-lhe as missangas e os búzios e todos os enfeites. Que lhe vestiram uns panos bonitos, e que uma preta que estava em casa e servia ao senhor à mesa, olhava para ela, iracundada, e a ameaça com o olhar, confirmado pelo que lhe dizia às escondidas, de lhe fazer feitiço. (TRONI, 1973, p.34).

Desse modo, o autor Alfredo Troni, através da desconstrução da maneira de se vestir, demonstra como ocorreu o processo de assimilação dos costumes portugueses.

A personagem imersa em *uma sociedade onde se avultam os panos* (TRONI, p. 32) conheceu o que ela era, e o que devia aparecer para pertencer aquele grupo de pessoas que se preocupam somente com as aparências. Ela negou a sua origem, recriou uma lembrança de um possível *homem* branco que a tomava nos braços. Para não se sentir menosprezada diante das comadres, insistia com ideia de tentar convencê-las que tinha sangue branco.

A negra, que chegou a pertencer a elite branca angolana, passou por inúmeras mudanças em seus hábitos para tentar pertencer e ser aceita, mas isso gerou um conflito com a sua própria raça, pois algumas pessoas, inclusive negras de seu convívio, colocavam em dúvida a sua identidade negra. Prova disso é que depois de se tornar a viúva do senhor português, a sua herdeira, Nga Muturi, vivia triste, sentindo-se desprezada e insultada por algumas pessoas que diziam que ela não pertencia àquela classe. Mesmo rica, ainda mantinha comportamentos que expunham a submissão ao branco, e isso é demonstrado em uma festa, descrita na obra em estudo, em que a personagem principal providenciou o melhor vinho para os convidados brancos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a questão da identidade negra em Angola, através do estudo da obra *Nga Muturi*, de Alfredo Troni. Buscou-se responder ao objetivo de reflexão sobre a desconstrução da identidade negra pelo português colonizador em Angola. No conto, isso foi demonstrado pelas exigências feitas pelo senhor português quanto a retirada das vestimentas e adereços da personagem central do Conto de Alfredo Troni. A mesma passou a ser destituída de seus referenciais, adquiridos de seus antepassados na aldeia em que viveu. Os símbolos de sua cultura foram aos poucos sendo apagados e substituídos pelos costumes do explorador português. Até mesmo a forma de arrumar a mesa para o jantar era motivo de conflitos e castigos infligidos a Nga Ndreza.

Relacionado ao que foi dito, como objetivos específicos foram analisados os impactos da desconstrução identitária feita pelo colonizador português e as atitudes tomadas pela personagem Nga Andrezza, do livro *Nga Muturi*, frente às arbitrariedades do colonizador português, bem como o proceder da personagem em relação a sua própria degradação cultural depois da morte do português. Além disso, foram feitas reflexões sobre as formas de dominação colonial e suas implicações na identidade negra angolana.

Um comparativo com as obras sociológicas brasileiras foi feito com o intuito de deixar claro as manobras portuguesas que objetivavam a degradação cultural dos povos colonizados,

entre as quais Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freire, Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda, O Povo Brasileiro, de Darcy Ribeiro, e A integração do negro na sociedade de classes: o legado da raça branca, de Florestan Fernandes. Assim, viu-se que as práticas portuguesas foram bastante similares, tanto aqui, no Brasil, a partir do século XVI, como em Mãe África, a partir das primeiras investidas que se iniciaram no decorrer do século XVI e depois com o imperialismo que ocorreu do século XIX até meados do século XX.

A vontade de impor sua vontade e hegemonia política e cultural, fez com que os lusitanos buscassem a miscigenação com o objetivo de dominação colonial. Por isso, era tido como natural o concubinato do português com as mulheres negras em Angola. Isso pode ser visto na Obra *Nga Muturi* e era bem similar com o que acontecia no Brasil, onde o português ou os seus descendentes mantinham como concubinas algumas de suas mulheres escravizadas.

Voltando a Obra *Nga Muturi*, a personagem principal, Nga Ndreza, após a morte do português, teve bastante problema com sua raça em Angola, pois ficou em uma situação em que não pertencia a nenhuma classe, nem a de seus antepassados, nem a do português colonizador. Dessa forma, passou a ser criticada por seus amigos de raça negra, por ter abandonado os costumes ancestrais, devido a convivência em outro universo, bem diferente do vivenciado em suas origens. O sentimento identitário de pertencimento ficou enfraquecido por causa dos meandros de seu destino, o qual não foi combatido, em virtude das práticas dominadoras praticadas pelo espoliador português e a insuficiência de meios para tal intento.

Em resumo, as práticas do colonizador português, extremamente predatórias e degradantes a outros povos, foi posta em prática por séculos ao redor do mundo, em projetos expropriadores de riquezas e supressores da identidade de outros povos e isso foi visto na Obra *Nga Muturi*, em que Nga Ndreza, mesmo após ter herdado toda a riqueza de seu concubino português, ainda tinha comportamento submisso em relação aos portugueses. Isso era resultado de um longo período de colonização em Angola e repassado a cada indivíduo.

Assim, este trabalho, que tem um viés interdisciplinar, apenas aborda de forma sucinta a questão identitária no processo de colonização português, tendo como base a Obra *Nga Muturi*, de Alfredo Troni, pois tal temática é rica e possibilita várias abordagens, as quais podem ser promissoras e elucidadoras deste processo tal importante e impactante para a formação dos povos colonizados de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

CESTARI, W. S.; CROSARIOL, I. M. . **Nga Muturi**: Uma questão de memória e identidade. *Estação Literária*, v. 8, p. 87-95, 2011. ERVEDOSA, Carlos. **Roteiro da literatura angolana**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1979.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**: entre intenções e gestos. São Paulo: USP, 1999.

EVERDOSA, Carlos. **Roteiro da literatura angolana**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1979.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**: o legado da “raça branca”. São Paulo, Dominus Editora, 1965.

FERREIRA, Manuel. **Dependência e individualidade nas literaturas africanas de língua portuguesa**. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 39-47, jun. 1980.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. rev.- São Paulo: Global, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva et Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LIMA, Stélio Torquato. **O falar na articulação da memória e da identidade**: uma forma de ler Nga Muturi, de Alfredo Troni. *Cadernos Cespuc*, Belo Horizonte, n. 20, 2010, p. 125-132.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**. Novo Hamburgo: Universidade FeeVale, 2013.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 3ª ed. – São Paulo: Global, 2015.

TRONI, Alfredo. **Nga Muturi**: cenas de Luanda. Lisboa, Edições 70, 1973.